A RAZÃO

SEMANÁRIO REPUBLICANO

Director e Editor, Dr. David d'Oliveira

N.º 3 do 1.º Ano

Guimarães, 14 de Janeiro de 1923

Redacção e Administração, Rua da Liberdade, 94

Comp. e impressão, Empreza de Publicidade—FAFE

Será isto?

Ante o aspecto gravissimo que vai tomando o problema das subsistencias entre nós, não ha fleugma que resista. De um momento para outro e sem nada que justifique o facto, os generos sobem de preço e a vida, hora a hora, mais dificil, vai-se tornando insuportavel para aqueles que de qualquer modo dependem dos especuladores que por todos os lados nos cercam. Desde a taberna mais humilde ao mais recheado dos armazens, desde o mais bisonho dos camponios ao mais experimentado dos argentarios, a mesma ganancia sem escrupulos, a mesma avidez desmedida se patenteiam numa negação absoluta dos mais rudimentares principios da solidariedade humana.

A miseria alastrá apavorante e com ela, qual cortejo diabolico, o vicio, a desordem, a corrupção. Em muitos lares ha já a incerteza do dia de amanhã e se a resignação, se *a brandura dos nossos costumes* puderam até hoje suster a onda de revolta que em todos os espiritos se vai erguendo, para temer é que num futuro bem proximo talvez, obstaculo algum possa opôr-se-lhe, tão notoria e sempre crescente é a irritação que de todos se apossa.

E' que não ha paciencia capaz de suportar por muito tempo ainda o desvairamento criminoso dos egoistas que nos exploram. E depois! Depois será a subversão de todas as leis, de todos os codigos e em vão se farão apelos á justica dos homens; depois será a anarquia, a derrocada, o esfacelamento de todos os laços sociais, mesmo os religiosos e o que hoje é martir será então, amanhã, talvez, carrasco e certos estamos de que os feitos de vingança dos martirisados de agora serão abafados pelos brados de piedade dos torturados de então. Será isto o que querem?

PELA REPUBLICA

Um jornal que se funda para defender uma edeia é como uma barricada que se ergue no campo da luta. O aparecimento dum jornal, firmemente republicano como «A Razão» o é, num meio como o de Guimarães, representa um grande alcance e uma grande vantagem para o regimen. A vossa acção tem de ser firme, energica, perseverante, para que o povo d'ai conheça bem a obra da Republica e de quanta mentira e calunia tem sido feita a propaganda monarquica.

A extrema generosidade da nossa parte tem dado aos nossos inimigos a coragem para arremetidas mais ferozes. E' preciso cortar-lhes as garras insidiosas com que nos ferem quando estão certos da impuninade.

«A Razão» tem um grande papel a desempenhar nesse meio hostil. Oxalá não desanimeis na vossa dura tarefa e podeis contar sempre com a minha modesta colaboração e com todo o ardor da minha alma na propaganda pela Republica que agora encetais por meio do vosso jornal.

* * *

A Republica não está na agonia como insinuam os seus adversarios. A Republica está farta duma vilanagem que, tendo vindo surrateiramente do campo inimigo, a tem sugado até aos ossos.

No dia em que se exterminarem esses parasitas a Republica readquirirá a sua vitalidade e o seu caminho para o Bem. O que tem conduzido mal a Republica são os velhos habitos da monarquia. A monarquia morreu de pôdre e os micróbrios que a mataram ainda se não extinguiram de todo. Quando os habitos viciosos dos monarquicos desaparecerem para sempre, o mal terminará. A monarquia foi o cáos e a curupção.

Tentar voltar para ele ou é estupidez ou crime. Houve tempos, em que os tronos eram de pedra e cal. Mesmo assim, o tempo os desmoronou. Hoje são de madeira fragil, não escapam ao lume, ao machado nem ao proprio vento...

A missão dos povos é destruir os que ainda existem na terra. Tentar erguê-los neste seculo de Liberdade é utopia de néscios, mania de idólos ou jôgo de exploradores. Para defender a Republica não são necessarios argumentos novos. Basta reeditar a campanha da propaganda.

Os crimes da monarquia foram tantos que chegaram para a época e ainda sobraram para a actualidade.

A Republica tem tido a virtude de desmascarar e punir aqueles que prevaricam. A monarquia abafava os escandalos para poder viver. Um regimen que castiga os delinquentes quer viver, corrigindo-se. Outro que protege os prevaricadores mata-se, porque vive no juz.

A monarquia foi uma falperra de crimes impunes. Pagou tudo junto. As contas assim são mais duras de liquidar.

Tentar voltar ao passado é abdicar da propria dignidade.

A Republica é o regimen que o povo escolheu e que ha doze anos tem defendido com seu proprio sangue. A Republica será sempre o nosso regimen porque o Povo assim o quer.

* * *

Saudando «A Razão» e todos aqueles que dentro d'Ela trabalham, saúdo egualmente os republicanos de Guimarães confiado em que todos trabalharão com firmeza e fé em defeza da Bandeira da Republica.

Ernesto d'Almeida.

Anthero de Quental

Andas, meu bom Aulhero de Quental,
Nas regiões obscuras do Infinito.
Cá, eras meio alheu, mas lá, contrito,
Já te vês immortal, ante o Immortal.

Esse caso psycologico e fatal
Está de ha muito em livros d'oiro escripto:
Philosophia e crença não são mytho,
Uma irrisoria criação mental.

Sem vêres o phantastico Nirvana,
Alijaste Manu, e dizes triste:
«Não tem limites a cegueira humana!

«Na terra que fiz eu, de lança em riste?
Oh! como o pensamento nos engana!
De tudo que sonhei... só Deus existe!»

—Do livro «Ultimas Rimas» — **João Penha.**

NADA

Se Deus fez o mundo do nada, porque é que eu com mais modestas pretensões, não hei-de fazer um artigo do mesmo?

O nada! Eis aqui um vocabulo que diz tudo e ao mesmo tempo é uma duvidosa afirmação.

Não estamos todos d'acordo em que as palavras são o veiculo das ideias?

Sendo assim, elas não são outra coisa que um sinal convencional e representativo. **Nada,** é dizer, um sinal de caprichosa acepção. Porque isto é evidente: se **nada** é alguma coisa, deixa de ser **nada,** e se é alguma coisa, que é? Vamos a vêr; a existencia desta palavra é um absurdo. O vulgo, com essa perspicacia instrutiva que caracteriza todas as suas decisões, compreendeu a completa inutilidade da referida palavra e fez com ela o que pelo comum se faz com o que não serve para uma coisa determinada, isto é, aplica-a a tudo.

Esta é a razão de que **nada** seja alguma coisa, o qual, por mais absurdo que á primeira vista pareça, não deve surpreender-nos muito aos que estamos acostumados a presenciar coisas mais extranhas.

Dois amigos encontram-se na rua.

—Como estás — pergunta um. Bem e tu? Ninguem te vê, o que é que fazes?

—Nada, divirto-me.

Para este, **nada,** quer dizer divertir-se.

—Lêste o ultimo romance de Fulano? —interrogam um critico.

—Sim, tive essa infelicidade.

—E que te parece?

—Nada, como todos os seus, muito fraco.

Nada, neste caso, significa um mau romance e infelizmente desta especie de **nada** é o que mais abunda por essas livrarias.

—Hontem estriou-se o drama «Paixão dum cégo».

—E que tal?

—Nada, admiravel.

Este genero de **nada,** bastante escasso, por certo, permite-nos observar que **nada** vale tanto como um drama estupendo.

—O que é que te escreve a Julieta?

—Nada, que está encantada da vida pois gosa de invejavel saude.

Oh, amor! Para este amante, **nada** é a saude da mulher das suas ilusões.

Vêde ali um grupo de pessoas que falam e riem! Aproximai-vos e a conversação, as gargalhadas, terminaram imediatamente. Perguntai o que era, de que se falava, e seguramente haverá quem responda:

De **nada.**

Pois **nada** supõe, neste caso concreto, murmuração ou calunia, quem sabe.

Mas o que é que se passa? Ouvem-se gritos, desmaiam senhoras, choram crianças, a gente corre sem direcção.

Por quê? Nada, um pneumatico que estalou e a multidão julgou que era outra coisa.

E' dizer que para certos felizes mortais **nada** é uma especie de cataclismo.

Arde-me a cabeça; o estamago funciona mal; uma dôr penetrante e insistente me obriga chamar um medico.

Explico-lhe as minhas dôres minuciozamente e com algum trabalho. Então ele com a maior seriedade toma-me o pulso, examina-me a lingua e sorrindo-se com um ar de quem está perfeitamente senhor do segredo, diz-me:

—Esteja socegado, isso não **é nada!**

E aqui teem V. Ex.ª um **nada** cuja significação é para desesperar o santo Job.

Que é feito do Vicente!

Ninguem o vê? Onde diabos se meteria? Suceder-lhe-hia alguma coisa desagradavel?

—Nada, é que se casou recentemente.

Eis aqui o cumulo. Se considerarmos uma ninharia o acto mais definitivo, mais transcendental da nossa existencia, que maior valor poderemos dar a esta palavra?

Porem pode ter, ainda que pareça mentira, maior expressão e a este proposito recordo que dias antes de sentenciar-se um ruidoso processo que manteve em maior curiosidade a opinião publica, ouvi dizer:

—Então tu crês que...

—Nada, homem, fuzilam-no.

Com o que me parece que é bastante para conhecer que **nada,** é tudo!

Todavia ha apropriadas interpretações que dão a esta palavra, todo o seu valor. Eis, por exemplo, um dos casos:

Os ministros reunem-se em conselho. A' saida são interrogados pelos reporters sobre as decisões do mesmo. E um dos ministros, com aparente afecto cordial, responde:

—Nada, trocamos impressões simplesmente sobre politica eleitoral.

Eis aqui um **nada** que diz... tudo.

Nada é, então para os medicos a saude.

Para os militares, a paz.

Para os artistas, a guerra.

Para um suicida, a vida.

Para um trabalhador, o descanço.

Para alguns maridos, certas expansões de suas mulheres.

Para muitos, não pagar aos crédores.

Para a policia, o descobrimento dum crime.

E, para terminar, para os meus queridos leitores, a leitura deste artigo.

X.

CAMARA MUNICIPAL

Recebemos o relatorio da Comissão executiva da Camara cessante. E' seu relator o snr. A. L. de Carvalho, velho republicano, muito conhecido e estimado em Guimarães, pelos seus dotes moraes e intelectuaes.

Pela sua leitura, se vê que a Camara Municipal de Guimarães, lutou no ultimo triennio com umas condições financeiras terriveis. A isso se deve, sem duvida, o, a comissão executiva não poder resolver, como era seria de desejar, a maioria dos dificeis problemas que tanto interessam o concelho.

Não queremos deixar de nos referir ao quadro tetrico que o snr, A. L. de Carvalho nos pinta quando trata da falta de habitações. Transcrevemos:

«O refugio dos sem-casa, é ali em cima, no edificio meio construido da cadeia nova. *Ao presente ha ali acantonadas, em 36 celas sem portas, perto de 100 creaturas!*»

E' absolutamente necessario, em nome da Humanidade, que este espetaculo degradante termine rapidamente. E aqui prometemos não largar de mão o assunto, enquanto não tiver uma resolução digna.

Todas as violencias, todas as prepotencias praticadas com o fim de terminar com tão lamentoso espetaculo, terão a mais absoluta aprovação de todas os pessoas dignas e honradas.

O espaço não nos permite, como seria nosso desejo, tocar todos os assuntos tratados no dito relatorio.

Com vagar os havemos de apreciar e então lealmente emitiremos a nossa opinião, que, muitas vezes, naturalmente, será discorde da do ilustre relator.

Desde já, porem, diremos que não nos parece tão alarmante o estado da administração dos nossos municipios.

Muitas ha, e Guimarães está por eles cercada, onde se vem fazendo uma sã e inteligente administração republicana *sem que os homens de boa vontade que por lá possam, sejam queimados sem proveito nem prestigio.*

Agradecendo a oferta do exemplar do dito relatorio, aqui fazemos justiça á boa vontade de acertar e de bem servir os seus municipes que sempre a referida Camara mostrou.

Velho revolucionario, môço retrogrado, não faz sentido. — A arvore velha tende a pender os seus ramos, como a arvore nova tende a elevá-los. O contrario mostra-me: o primeiro, um gigante; o segundo, um pigmeu.

ECOS

«Jornal das Taipas»

Foi mal informado este nosso colega acerca do caracter politico de *A Razão.*

Estruturalmente republicana a sua politica, não obdece a qualquer facção partidaria.

Do seu corpo redactorial fazem parte exclusivamente republicanos, alguns destes filiados em varios partidos, mas que acima de tudo, o que querem, é fazer uma obra de propaganda retintamemte republicana.

Má fé

De má fé nos acusam os «Ecos de Guimarães», em critica feita ao primeiro numero de «A Rasão». Como é a primeira vez que nos atingém as *amabilidades* do colega, não responderemos á letra á sua apreciação incorrecta, antes nos limitaremos a registar o facto, na esperança de que assim evitaremos futuras incorrecções. De resto, temos a dizer que a critica ás nossas intenções não a deixaremos á leviandade ou grosseria de quem quer que seja e que se é grande o desejo que temos de evitar atritos, menor não é o amor que temos á nossa dignidade, deste modo considerando cobardia deixar de corrigir aqueles que de animo leve ou com propositos molevolos se deem ao jogo de malsinar os nossos intentos.

Coitados

A questão religiosa vem pondo o sal na moleirinha aos monarquicos. Vencidos em toda a linha, não podem esconder a magua que disso lhes vem e em todos os seus *orgãos* as lagrimas são como punhos e os insultos, então, são ás mãos cheias. Coitados! Lá se lhes vai a varinha magica dos *vexames á Egreja*, com que agitavam as massas em dias de mau humor.

Estou a vê-los a aderir em pêso ao protestantismo, para assim mostram melhor o seu desagrado aos catolicos. Tinha graça, na verdade; mas tanto não podemos esperar de muitos deles, pelo motivo simples de que protestantes já eles são.

CARTEIRA

Acompanhado de sua Ex.ma esposa, partiu para Celorico de Basto, o nosso presado amigo e correlegionario, sr. Alvaro Penafort, dignissimo escrivão de Direito.

—Transferido da Estação Agricola da 1.ª Região, encontra-se, entre nós, o nosso particular amigo e correligionario, snr. Rodrigo Figueiredo e Silva.

—Partiram para o Porto, na passada quinta-feira, os nossos queridos amigos, snr. Antonio Luís de Bastos Pina, aluno do curso consular e Belas Artes e Luís José de Pina Guimarães, nosso estimado colaborador e distincto aluno da Escola Medica.

Reflexões sobre a egualdade

(Continuado de n.º 2)

A desigualdade humana é uma resultante de leis naturaes e como tal a havemos de aceitar e suportar irremediavelmente, visto que os fenomenos naturaes são independentes da vontade. Já encaramos o problema por aspectos varios. Consideremos agora que nem as proprias religiões, tão necessarias para mitigar a eterna, insaciavel sêde de ideal pelo que conteem de ilimitado, de infinito, de superior — incutem no homem a ideia de egualdade. Cristo é o Deus dos Exercitos, como Budha ou Mahomet, e todos proclamam ao seu povo, ao povo eleito, a guerra sagrada, a guerra pela Fé!

A moral religiosa não preconisa mais do que a harmonia disciplinada, a ordem, a obediencia, o reconhecimento do poder, da superioridade hierarquica, para que a humanidade infiel e transviada seja subjugada pela crença imposta. As cruzadas levavam comsigo o amôr e o odio, a fé e o sangue! Sempre a eterna luta geradora da eterna beleza!

Entrêmos agora no campo das realizações praticas e vejamos o que sucede. Um exemplo concreto: Qual o desideretum até hoje alcançado pelos agitadores russos presentes e passados? Do seu programa de libertação social, de reivindicações, de aspirações, numa palavra — das modernas republicas de «soviets» nós não vimos surgir o estabelecimento da egualdade social! Muito pelo contrario, vêmos tão sómente que continúa a manter-se a diferenciação, a degladiação das classes, agora levada ao extremo por uma absurda e insustentavel inversão de poderes, sendo colocado no mais alto grau da hierarquia social o operario de braço — o analfabeto, e lançado á condição mais infima o trabalhador de cerebro — o intelectual. Isto não passa finalmente duma oligarquia popular, uma organização autocratica, uma *burguezia operaria* instituida em falsos principios e falsas bases, condenada portanto a caducar e apenas até agora mantida pelo terror. Que podemos dizer da autocracia de um Ksar se a dum plebeu que o substituiu é ainda mais nefasta, mais impiedosa e feroz que a imposta pelo primeiro? Ambos são movidos por uma sôfrega e desmedida aspiração do poder e do mando. As caracteristicas são semelhantes nestes dois detentores do poder.

Mas devemos, em conclusão, melhorar ou não a situação material das chamadas classes trabalhadoras, na medida das suas necessidades? — Sem duvida que devemos. Promover a sua elevação moral e intelectual na medida das suas forças? — Certamente. Instruir? educar? elevar? afastar da taberna para a escola? — Necessariamente. Mas querer derruir violentamente, bruscamente, toda a organização das sociedades modernas, sob o pretexto duma falsa moral que se encobre na capa da egualdade humana, e que no fundo não passa duma desmedida ambição dos *menos aptos*, nisso não devem consentir aqueles que desejam a ordem e a civilisação no mundo. A Italia, a patria augusta do resurgimento, já iniciou a luta franca e aberta, com a sua reacção conservadora, polarisada na politica fascista. Entregar o poder, a orientação geral ás maiorias incultas, só porque são *maiorias*, seria deixar as elites intelectuaes sob a dependencia estupida e esmagadora dessas, seria uma abdicação inqualificavel, uma subversão absurda. «*Os imbecis cobrem a terra inteira e o seu numero representa uma maioria esmagadora. Mas isso não é razão bastante para que os imbecis dominem os que o não são.*» (Ibsen — «*Um inimigo do povo*»).

Ninguem concebe que um sabio ou artista troque o seu gabinete ou o seu atelier pela oficina do operario, como ninguem admite um homem intelectualmente superior a varrer uma rua, um engenheiro a extrahir carvão duma mina ou a guiar uma charrúa. E, todavia, é necessario á vida social que haja sabios, artistas, engenheiros, intelectuaes emfim, como é tambem necessario que haja operarios, mineiros, camponezes, etc. Simplesmente cada um no seu papel e com a soma de confôrto que a sua inteligencia e as suas funcções sociaes lhe exigem. Nada mais.

Sem escravos e faraós não existiria hoje a grande piramide de Khéops, padrão colossal erigido ha quatro mil anos, por milhares de creaturas, com o fim unico de abrigar o cadaver mumificado duma só creatura, monstro granitico desafiando os tempos como um simbolo da eterna e irremediavel desigualdade humana — simples reflexo e sequencia da desigualdade da Natureza.

M. C.

O aniversario do "comandante,,

Diziam ha dias os «Ecos de Guimarães», a proposito do aniversario de Paiva Couceiro, que era este o ultimo ano que viveria na face da terra como exilado.

Calha esta profecia com o facto de um marechal monarquico da terra ter «vendido» o seu fardamento de oficial, que foi do Exercito português.

A proposito a «musa» cantou assim:

Segundo bradam os «Ecos»
O Senhôr Paiva Couceiro
Vai acabar c'o exilio
Para não ser «extrangeiro»!

Achamos razão aos «Ecos»
São ecos de bons «folêgos»
Portugal dá portugueses
A Galiza dá galêgos.

P'ra deitar gatos em pratos
E em guarda-soes pôr varetas
Não se faz um comandante
Dos que não é para tretas.

E' justo pois que terminem
Exilios de comandantes
Pois vindo eles para cá
«Fica tudo como dantes».

Mas, pergunto eu a mim mesmo
Qual dos «Ecos» a intenção?
Mudar o exilio a Couceiro
P'ró Alto de S. João?!...

Por fazer esta pergunta
Não se deve reparar;
Que eu nunca matei ninguem,
Nem tenho peles a secar.

Deixa-te estar «comandante»
«Não te fies na negaça ..»
Já se vendem fardas ricas
Onde começa o haver traça!

Isto prova á evidencia...
«Oh! cana real das canas!»
Que os que te mandam cá vir
São todos uns bons...«badanas»

Pirilau.

A educação fisica na Escola Primária

Gentilmente oferecido pelo seu autor, João Gomes de Oliveira, distintissimo professor da Escola Normal do Porto, recebemos o magnifico folheto. *A educação fisica na Escola Primaria.*

Tese aprovada, por aclamações, no Congresso do Professorado Primario Português, realisado em Coimbra em Agosto de 1922, é uma brilhantissima defesa da necessidade inadiavel de o Estado olhar a serio a Educação fisica nas escolas primarias, secundarias e superiores, cuidando o valer do levantamento das belas e fortes qualidades da nossa raça.

Não nos furtamos ao prazer de transcrever o seguinte periado de grande oportunidade em Guimarães:

«Urge que todos aqueles que se interessam pela educação do povo, induzem por todos os meios, os Municipios e o Estado á aquisição de Terrenos espaçosos, destinados não só á construção de escolas que satisfaçam ás necessidades duma educação racional, *mas tambem á instalação de parques de jogos*».

A redação de «A Rasão», a quem tanto interessa este momentoso assunto, a ponto de ter já creado uma secção desportiva, apresenta os seus agradecimentos e parabens ao snr. João Gomes de Oliveira.

GRALHAS

O sonêto do ultimo numero veio mál. — Os dois primeiros versos, da primeira quadra, estão invertidos. — Nos Ecos onde se lê: daninhas, deve lêr-se: danadinhas. Pedimos desculpa.

Correspondencia de Vizela

Foram muito imponentes as derradeiras homenagens prestadas na passada quinta-feira na igreja de S. João das Caldas á saudosa memoria da Snr.ª D. Leonor Pinto de Souza e Castro, tia do ilustre republicano Dr. Alfredo Pinto, virtuosa senhora que gosava da maior consideração e estima no nosso meio social, sendo por esse motivo a sua morte muito sentida. A saudosa extinta achava-se encerrada n'uma luxuosa urna de mogno estilo Imperio, com aplicações de prata, e depositada n'uma das salas da sua residencia transformada em camara ardente, luxuosamente decorada, rodeada de plantas e flores dispostas, por mãos piedosas e amigas, e ainda grande profusão de luzes. Depois de feita a Encomendação foi o feretro transladado na carreta dos Bombeiros Voluntarios de Vizela para a referida igreja, onde era aguardada por uma numerosa e distinta assistencia na qual se achavam representadas todas as classes sociaes.

A chave da urna foi entregue ao amigo da familia enlutada Snr. Dr. Meira. Dirigiu o funeral o Ex.mº Snr. Alfredo Bravo.

Sobre a urna foram colocadas grande numero de coroas bouquets, gerbes e ramalhetes com sentidas dedicatorias.

A igreja ostentava uma luxuosa ornamentação de fino gosto realçada por plantas pertencentes ao conceituado armador Snr. Autonio Caldas.

Organisaram-se diversos turnos constituidos por pessoas que assistiram ao funeral.

Finda a cerimonia religiosa, foi o feretro transladado para o jazigo que a familia possue onde ficou encerrado.—C.

FARMACIA NORMAL DE GUIMARÃES

— DE —

Manoel Jesus de Souza

17, Praça D. Afonso Henriques, 20

Laboratorio de produtos quimicos e especialidades farmaceuticas; soludos esterialisados, cuidadosamente doseados. Aviamento escrupuloso de receituario medico e com produtos escolhidos recebidos directamente do estrangeiro. Grande stock de especialidades farmaceuticas.

Posto de socorros: Mutualidade Portuguesa / O Trabalho

Sapataria Elegante

DE

Artur de Oliveira Sequeira

Sortido completo de calçado para homem, senhora e criança

Largo do Priôr do Crato, 46—Guimarães

Associação de Classe dos Empregados do Comercio de Guimarães

CONVITE

Por ordem do snr. Presidente da Assembleia Geral, convido os sócios desta colectividade a reunirem-se na sala das suas sessões no dia 21 do corrente, pelas 10 horas, para se dar cumprimento á segunda parte do Art. 360 dos Estatutos. Se não comparecer número legal de sócios, ficará a sessão adiáda para o dia 28 do corrente, ás mesmas horas, funcionando com qualquer número de sócios.

Guimarães, 15 de Janeiro de 1923.

O secretario,

(a) *Edmúndo Hermes Ribeiro.*

"OTESO,,

Ensaio de prosa regional

—Eh! moça! O' afilhada!— roncava ele á porta da Emilinha, fechada áquela hora, o sol lá no alto ainda.

—Abre, rapariga! Hun!...— berrava já, desesperado com a demora, alagado em suor, a respiração alta, de toiro entrando em praça. A mocinha veio abrir, assustada, olhos espantadinhos, sem comprehender os modos do homem. O Tezo fechou a porta, arrastou-se para um canto, tartamudeando, brusco, n'uma impaciencia dolorosa:

—Rapariga diz-me só uma coisa: quem te poz assim!—

E apontava-lhe o ventre crescido, que ali estava a deformar-lhe a graça do corpinho, revelação poderoza do pecado encoberto. Emilinha ficou como morta, branca, a tremer como varinha de macieira ao vento rijo. E como o pulso lhe doia entre os dedos brutos do Tezo, começou a gemer:

—Senhôr Padrinho, deixe-me! Por amôr de Deus, deixe-me...—

Ele largou-a, cedendo ás lagrimas da mulher.

—O' Emilia, ó desgraçada! Eu não te ralho, não, que não sou teu pai, Deus o tenha no ceu e te perdôe. Só quero limpar-te duma nodoa, rapariga. Tudo se arranjará. Mas has-de dizer-me quem foi, quem foi, ouviste?—

Ela chorava baixinho, encostada á parede, o avental nos olhos a chupar-lhe o pranto.

—Não dizes? Emilia, olha que é peor para ti. O malandro há-de ir contigo á egreja, entendeste! Ha-de ir contigo á egreja ou racho-o. Deus me não salve! Racho-o, ouviste?—

A afilhada não respondia, entupida de lágrimas.

—O' mulher, qne me desgraças. Por alma de teu pai, dize-me, dize-me quem foi...—

Emilinha atirou-se-lhe aos pés, como cachorra castigada, derrancadinha de chôro:

—Peça-me tudo, senhôr Padrinho. Isso não, não, não!—

O Tezo moia já o pedido lacrimozo:

—Por alma de teu pai, Emilinha...— A moça não saiu daquilo, teimosa a pobrinha:

—Não, não!—

—Bem, mulher, adeus. E olha lá o que agora te digo: hei-de saber tudo, ouviste? Hei-de escachar o patife, olé, ou eu não seja o Tezo, afilhada! E fica-te com esta...—

A rapariga viu-o sair. Ia doido o pobre do homem. Não via o chão que calcava, aos ss, como bêbedo deixando a taberna, abarrotado de vinho!

* * *

Naquela noite, noite purissima de luar, carícias de perfumes desconhecidos embriagando a gente, o Tezo saiu, tomara o caminho que o levava ao casebre da afilhada. lá no alto, a ver-se entre os pinheiros, a mais branquinha caza do sitio! Que ia êle fazer, áquelas horas, tudo dormia já, silencioza a aldeia toda! Nada. Não pudera dormir, os olhos arregalados, a novidade doloroza a não querer largar-lhe a alma, cadela ferrada ali, revolvendo-a com os dentes! Fôra tomar ar. Uma volta e caza que ficaria mais socegado. Perto já da cazita da moça, olhou-a, espantado de ver luz ainda pela fresta do postigo. Um presentimento negro tomou-o todo. Galgou o môrro que o separava dela e dali a passo, estava de ouvido escutando á porta, cautelozo, respirando mansinho. Lá dentro álguem chorava, decerto a moça. Havia uma voz de homem a consolá-la, n'uma grande meiguice. Uma rajada de cólera apanhou-o e susteve-se, a custo, para não atirar a porta dentro, dum murro só, e ali mesmo dar cabo do malandrote que se atreveu a sujar-lhe assim a afilhada, emporcar-lhe a casa, sem respeito pela avó, entrevada e surda, a expedir de todo lá para um canto.

* * *

O Tezo recuou, que o homem vinha a sair, já a porta gemia nas dobradiças ferrugentas. Emilinha viera com ele ali, despediam-se num abraço, a um cantar de beijos perdidos. Ainda a rapariga cerrava a porta e já o Tezo, dum salto, estava agarrado ao homem:

—Mostra-me a cara, garôto, que gosto de ver a cara de quem mando ao Diabo!—

E tentava rasgár a gola do capote com que se encobria o outro. Esse não lutava, tentava fugir, sem defender-se sequer.

—Malandro e cobarde!— grunhia o Tezo. A um puxão mais forte a cara ficou-lhe a descoberto, o luar iluminando-a em cheio.

—Tonio! Tu, eras tu, Tonio!—

Sim, o filho ali estava, enfiado, na sua frente, os olhos baixos, amarelo, a tremer, nem que maleitas o apoquentassem! Quem o diria, o santarrão do filho! O Tezo deixou cair o lódo, para esfregar os olhos, não o fossem êles enganar.

—Desgraçado. Sai da minha vista Tonio! Foge daqui que eu perco a alma, rapaz...—

E o Tonio caminhou, sumiu-se lá baixo no pinheiral onde o luar caía, polvilhando de branco os ramos, n'uma glória soberba de luz! E o Tezo, que desfazia romarias com o pau que ali estava a seus pés; o Tezo que prometeu escachar, fôsse quem fôsse, o que lhe deshonrara a afilhada, ficou-se a vêr o filho desaparecer lá longe, perdida a coragem toda! E, desvairadamente, foi cair na soleira da porta da Emilinha, aos soluços fundos, n'um chôro desgarrado e sem lei, a cabeça tombada para o peito cabeludo, o bom do Tezo, o valentão do Tezo!

João Moréno.

Fernandes Guimarães & Irmão, Sucessores

RUA DA REPUBLICA, 88 a 92 --- GUIMARÃES

DEPOSITO DA POLVORA DO ESTADO

Vidraria, cristais e louças. Tinta, olios, vernizes e cimento. Artigos para caçadores.
Grande sortido em serviços de louça para mesa, chá, café, e lavatorio

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Quereis vestir bem e pelos ultimos figurinos? Visitai a

Alfaiataria Progresso da Moda

— DE —

Gaspar Lopes Ribeiro

Rua da Republica, 93 -- 97
GUIMARÃES

Casa das Novidades

Largo da Feira do Leite --- GUIMARÃES

Papelaria, tabacaria, perfumarias e miudesas. Grande sortido em postais ilustrados. Musicas para piano e cordas para instrumentos. Caixas de papel com 50 folhas e 50 envelopes desde 1 a 8 escudos, e muitos outros artigos a preços convidativos.

GUARDASOLARIA VIMARANENSE

DE—

Martins, Faria & C.ª, L.da

51, Largo do Prior do Crato, 54 — (Junto ás escadinhas)

Deposito de guardasois e chapeus. Concertam-se os mesmos

Vendas por junto e a retalho

Casa Penhorista Vimaranense

Fundada em 1880

Propriedade de PEIXOTO, ROCHA & C.ª

Legalmente habilitados

Operações sôbre valores de ouro, prata, platina, pedras preciosas e papeis de crédito

Rua da Republica, 144 — GUIMARÃES

Ferragens, Cutelarias e Pentes

DE

A. J. Ferreira da Cunha

38, Praça D. Afonso Henriques, 39 (Toural)

Vendas por junto e a retalho

GUIMARÃES

Antiga Casa Alemã

DE

Cardoso & Irmão

GUIMARÃES

Modas e miudezas
Fazendas brancas
LANIFICIOS

Antiga Mercearia e Confeitaria

DA PORTA DA VILA

DE

Antonio de Sousa Guise

Deposito de Vinhos da Companhia Vinicola e Agnas Sameiro

24, Rua da Republica, 28 — GUIMARÃES

SERRALHERIA MECANICA E CIVIL

— DE —

Antonio Gonçalves Coelho

Vigamentos, cofres, casas fortes, gradeamentos, veios, chumaceiras, tambores, etc.

EXECUTA-SE QUALQUER TRABALHO DE TORNO E FUNDIÇÃO

Largo da Republica do Brazil, 21

"A RAZÃO,,

Semanario Republicano

ASSINATURAS		PUBLICAÇÕES
Semestre . .	3$50 centavos	Anuncios e comunicados, contracto especial
Numero avulso .	$20 »	

Ao Cidadão